

A SABEDORIA DO CALIFA

Ilan Brenman



Resenha

Há muitos anos que o mendigo Hachid vivia perambulando pelas ruas de Bagdá, sempre com um pão velho no bolso, à espera de alguma esmola que pudesse ajudá-lo a sobreviver. Dizem que era capaz de passar uma semana inteira com apenas um pão, comendo migalha por migalha. Uma das técnicas de Hachid para enganar a fome era andar entre as barracas do exuberante e colorido mercado da cidade, parar no meio delas e aspirar o cheiro delicioso que exalava dos alimentos – depois de algum tempo, empanturrado de cheiro, o pobre homem saía para fazer a digestão.

Certo dia, o mendigo estava parado do lado de fora de um restaurante cuja comida exalava um odor especialmente saboroso, quando de repente o dono do estabelecimento dirigiu-se a ele de modo enfático, exigindo que Hachid pagasse por haver cheirado a sua comida. Como o mendigo se recusasse a atender ao absurdo pedido, o dono do restaurante levou-o à presença do califa, para que julgasse o caso. É então que o califa, apaixonado por livros e verdadeiramente erudito, encontrará uma maneira inventiva de resolver o caso com justiça...



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Em *A sabedoria do califa*, Ilan Brenman nos transporta para as ruas de Bagdá em uma fábula sinestésica e imaginativa que nos leva a refletir a respeito de temas como desigualdade social e justiça. A história de Hachid coloca em primeiro plano a relação entre o paladar e o olfato – dois dos cinco sentidos que muitas vezes não recebem tanto destaque quanto a visão e a audição, por exemplo. Ao final da história, a solução encontrada pelo califa para resolver o caso ressalta o caráter didático do exemplo e da analogia – se o comerciante queria receber um pagamento pelo cheiro de sua comida, nada mais justo do que pagá-lo com o tilintar das moedas do mendigo. No fim, porém, as posições sociais dos personagens continuam as mesmas de sempre: Hachid volta a perambular pelas ruas, depois de saborear o banquete delicioso do califa...



Depoimento

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

“Mamãe, o que é califa?” foi a pergunta que minha filha mais nova fez antes mesmo que eu abrisse o livro. Assim, para poder ler *A sabedoria do califa*, tive primeiro de admitir minha própria ignorância. Recorri ao dicionário e traduzi. Califa é um governante não eleito que fica no cargo pela vida toda, uma espécie de rei. Só que califa era o título usado em alguns países muçulmanos antigamente, expliquei.

Eles já tinham certos conhecimentos sobre muçulmanos, reis e eleições. Contudo, não escapei de novas perguntas. “É como um faraó do Egito?”, questionou meu filho mais velho. Precisei mais uma vez pesquisar para responder corretamente. Pelo que entendi, é parecido. O faraó era um imperador considerado um deus. O califa era um imperador e líder espiritual, mas não visto como uma divindade.

Uma capa lindamente ilustrada, um título inusitado e a promessa de uma boa história fizeram o livro começar mesmo antes de ser aberto.

Após as curiosidades iniciais terem sido satisfeitas, seguimos para a aventura narrada na obra. Conforme eu esperava, as crianças se compadeceram com a situação do mendigo Hachid, tomaram o lado dele na disputa com o dono do restaurante. Por isso, na página em que o califa diz que Hachid precisa pagar por ter cheirado a comida, os protestos vieram imediatamente.

Com o conhecimento acumulado por anos de leitura, eu sabia que aquele não seria o final: havia páginas suficientes para uma reviravolta. Mas foi interessante ouvir a reclamação e os argumentos das crianças em favor de Hachid.

Como a história seguiu, os dois se surpreenderam com a forma de pagamento determinada pelo califa. Ficaram satisfeitos, enfim, com a sensação de que justiça tinha sido feita. A solução engenhosa trouxe um aspecto cômico. As ilustrações, que retratam os personagens de forma caricata, também ajudaram a dar graça à história. Meus filhos adoraram a forma como o guarda retira do castelo o dono do restaurante.

O conto é ficção, mas nele fantasia e realidade se misturam. Bagdá viveu mesmo sob o governo de um califa chamado Al-Manun, que era estudioso e tinha uma grande biblioteca. Há, contudo,

outro ponto de contato com a realidade que as crianças reconheceram sozinhas: a pobreza se faz presente em toda grande cidade. Mendigos na porta de supermercados fazem parte do nosso dia a dia.

No obra de Ilan Brenman, Hachid pôde se banquetear por uma noite, mas, no dia seguinte, provavelmente, vai voltar a mendigar, concluímos. Será que a justiça foi mesmo feita? E está sendo feita aqui, com os mendigos à nossa porta?

Em poucas páginas, a narrativa conseguiu juntar sabedoria e ignorância, ficção e realidade, satisfação e inquietação. No dia seguinte, meu filho me disse: "Quem sabe Hachid consiga um trabalho e tenha uma vida melhor". O final está em aberto. Portanto, há sempre esperança.

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens

e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

Leia Mais

Do mesmo autor e série

- ✕ *Cavalo de Troia, a origem*. São Paulo: Moderna
- ✕ *O alvo*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *O que a terra está falando?* São Paulo: Moderna.
- ✕ *O homem dos figos*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✕ *Dez bons conselhos do meu pai*, de João Ubaldo Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✕ *Joty, o tamanduá*, de Vangri Kaygang. São Paulo: Global.
- ✕ *Contos budistas*, de Sherab Chozdin. São Paulo: Martins Editora.
- ✕ *Karu taru: o pequeno pajé*, de Daniel Munduruku. Porto Alegre Edelbra.
- ✕ *Xangô, o trovão*, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

